

de outro anterior, cada período de outro período, cada scena de outra scena. Altos e baixos não lhe encontramos na technologia, que, normal em toda a linha, é prolongamento das suas idéas estheticas.

Queremos, propositadamente, abandonar criterios feitos, para destacarmos os rasgos de "La chiquilla", porque admiramos o estylo dos que, insophismavelmente, se impõem como artistas. Não se enquadra mesmo em talentos duvidosos a emoção, que é espirito, ou a sonoridade, que é seu vestido. Sonora emoção? Eis a grammatica da alma.

Principios... Mas sem elegancia de rythmo a sensibilidade desaparece. O autor mais commovido não commoverá nunca, si não o ajuda a cadencia das phrases, a arrumação das orações, a fachada das suas concepções. Euclýdes da Cunha não enthusiasmaria, caso não pregasse aos seus conhecimentos aquella harmonia extranha que se lhe descobre nos vocabulos alinhados. E Gonzalez Peña está nesta condição; já lhe attribuimos ao desembaraço da locução o exito das suas theses encravadas em novellas.

"Literatura (assevera Gastão Franca Amaral) é a representação verbal, artistica e emocional da natureza."

Então, "La chiquilla" é producção literaria e González Peña é literato, na acepção melhor que se dê a esta palavra soberana. Todos os seus pedaços collam-se num unico monumento, que se nos apresenta magnifico; o seu autor tem qualidades que o erguem ao flanco de Palacio Valdés, Juan Valera e Pérez Galdós.

Pudessemos apagar da historia os nomes dos escriptores gelados, cathedralescos, impassiveis, e só deixariamos ali os que — Cervantes á vanguarda — são capazes de arrancar lagrimas e orientar multidões. Em poesia, o que nos toca é a subtilidade dos lyricos, á maneira de Olavo Bilac e Asunción Silva; a épica, á maneira de Santos Chocano e Castro Alves; ou a profundidade

muito propria de Anthero de Quental. O resto (falta de sentimento, paixão da linha recta, saudade da Grecia, etc.) reputamos pura sandice, indigna de attenção e apreço. E' coisa para estúpidos, que não nasceram destinados á arte e teimam em escrever versos. Ora, por causa destas preliminares é que González Peña nos surge como literato de folego e "La chiquilla" como romance apreciavel.

Toda a novella é um mimo; esparge brando perfume de soffrimento, electriza-nos o coração e colloca em nossa alma azas luminosas. Por ella, a vida passa. Antoninha é um pólo; outro pólo é Magdalena. Antoninha, meiguice em forma de mulher, fenece como violeta. A papoula gritalhona do jardim é Magdalena...

São as duas figuras centraes de "La chiquilla". Encerram, por isto, significações oppostas. Antoninha representa o papel de victima, torturada e infeliz. Magdalena é a louca que provoca raiva, porém entristece. Fadou-a a natureza aos males da carne e aos seus peccados.

Ao desenhar os perfis de Magdalena e de Antoninha serviu-se González Peña do realismo, aprendido nas obras dos mais acatados mestres. Dá-se, porém, algo interessante. E é que, intima e psychicamente, em "La chiquilla" se notam laivos de equilibrado romantismo. O poder do coração...

A descripção que nos faz González Peña da morte de Antoninha, tombada na labuta diaria em consequencia da exploração de Magdalena e do relaxamento materno, á farta o affirma.

.....

Era uma apothese no céu. Nunca o céu estivera tão azul e o sol nunca brilhara tanto. Dir-se-ia que o sol fôra naquella dia areado cuidadosamente.

A cidade acordara satisfeita.



Nas praças, esplendida e tremula, a luz dançava nevroticamente. Passavam trabalhadores atarefados, corriam os carros, voavam os automoveis. Perfumosa brisa vinha dos jardins. Costureiras esgnfas resvalavam no asphalto, carregadas de volumes elegantes.

Em casa de Antoninha, o deserto. Desde cedo a empregada fôra ao mercado. Magdalena vagava pelas avenidas o seu porte sensual, de todos e para todos.

A velha mãe, carola e cretina, mastigava padre-nosso e ave-maria sobre ave-maria e padre-nosso, de igreja em igreja.

Antoninha estava só. Cercavam-na o silencio e a pobreza. Tudo lhe parecia melancolico e tedioso.

Subito, ergueu-se da machina em que costurava. Ergueu-se e tossiu. Levou as mãos desmaiadas ao peito e tossiu. Tentou mover-se, mas as forças lhe faltaram. Tentou gritar, mas lhe fugiu a voz. Tentou viver, mas a morte apertava-lhe a garganta...

Alegre, tagarella, a creada chegava da rua, a gritar:

— Antoninha, trago-te flores.

E aquellas flores não receberam beijos de labios vivos, porque adornaram a pallidez da morte...

.....  
Que mais commovente, mais tragico, mais natural? Esse quadro define um escriptor.

González Peña é do grupo dos sensitivos. O seu estylo tomou tonalidades modernas, porém a sua alma não perdeu a delicadeza romantica dos caracteres bem formados. A sua phrase despojou-se dos ouropéis da rethorica, sem que o seu espirito se degradasse no lódo dos pseudo-realismos, que apenas expõem as pustulas e pestilencias da vida, olvidando o resto.

Deixemos, aqui, uma confissão. Duvidamos, ao principio, que "La chiquilla" nos agradasse. E isto por termos lido, antes,

o melhor romance de Paul Bourget, "Le sens de la mort", cujo effeito, em nosso systema nervoso, foi pasmoso e irreprimivel.

Mas "La chiquilla" não é inferior a "Le sens de la mort". Paul Bourget não se envergonharia de hobrear com González Peña.

Eis o melhor elogio que nos é licito fazer ao novelista mexicano.



## A poesia representativa de Santos Chocano

*A José Augusto, parlamentar de talento*

Para usarmos de expressão cara a Santos Chocano, diremos que, de facto, elle é o poeta da America. Antes do seu apparecimento, alguns cantores de assumptos continentaes existiram, diversos em suas intenções e no valor das suas qualidades mentaes. Entretanto, qual se dedicou a enaltecer todas as tradições, lendas, episodios, gestos, ansias, tristezas e realizações do Novo Mundo? Um, mostrava-se entusiasta de materias mexicanas e pintava costumes e paisagens da grande terra dos aztécas. Outro, enamorado da ferocidade épica dos araucanos, tangia a lyra chilena. E mil entregavam-se a themas parciaes, lindos ás vezes, porém isolados e apenas capazes de representarem pedaços das vastas plagas colombianas.

E' certo que poucos desses lyridas não olvidaram a synthese e, de uma pincelada, resumiram o Novo Mundo. Convem, todavia, gryphar: os raros que assim procederam não foram constantes, pois, ao contrario, se extraviaram por caminhos alheios ás nossas necessidades e characteristics.

Não desejamos penetrar no labyrintho de versos coloniaes, onde ha vestigios, imprecisos e sem proposito, da musa regional ou mesmo americanista. Ercilla, com *La Araucana*, serve de modelo, neste sentido. Diego de Aguillar y Córdoba, Pedro de Oña, Santistevan Osorio, Juan de Castellanos, Barco Centenera, Mi-

ramontes y Zuazola, Hernando Alvarez, Hojeda, Landivar e uma porção de belletristas, bons, soffríveis e ruins, mostravam temperamento espanhol, estylo espanhol, ideal espanhol, em torno de coisas da America, que não os commovia, sinão como conquista, como theatro de empresas enormes, como bergo e tumulo de sonhos puramente peninsulares. Ahi, a phase inicial do phenomeno. Revelou-se insignificante braço da intelligencia iberica, tomando apenas objecto, entrecho, facto deste hemispherio. Portanto, esses primordios da nossa mentalidade constituem um capitulo de ligação entre a velha, nobre, avultada literatura espanhola e a tacteante, infantil, amorpha literatura americana.

Após, cresceu certa corrente quasi contraria á dos que rodavam sobre a America com criterio importado da Espanha. Extremou-se a novidade. E' sufficiente apontar o caso typico dos rythmos de Asunción Silva, que, espalhado, generalizado, indeterminado, encerra bastante localismo, traduz as sensualidades do seu povo, reflecte a indolencia harmoniosa da gente tropical. Seguem-lhe as pegadas centenas de bardos da fibra de Evaristo Carriego, Herrera y Reissig, Nervo e Dario. Destaca-se o grupo por seu espirito, sua indole, seu sentimento proprio, que se confunde com o das multidões do Novo Mundo e o photographa, embora não maneje ostensivamente a linguagem, a natureza e o homem desta parte do Globo. Trata-se da etapa menos perceptivel do acontecimento intellectual. Quem quizer achar o aêdo, cujas estrophes a respeito da dôr, do odio, da alegria, da saudade, da revolta, da conformação, da prece, do beijo, não deixam de ser basicamente americanas, apesar do universalismo que lhes fornece o traje, precisa enfronhar-se no estudo da psychologia das nossas populações.

Comtudo, o completo mundonovismo é aquelle que reúne as duas côres: o que se revela pelo assumpto e pelo modo inconfundivel de encaral-o. Quando se pretende executar um americanismo intelro, é indispensavel que se junte a materia nossa, o thema continental, ao julgamento, á educação, á conducta, á capa-



cidade emocional, ao coração de filho dos climas do Novo Mundo. Burlar o retrato de Cortés, á maneira de poeta allemão, patencaria, realmente, algo primitivo, no que concerne ao americanismo: teriamos o americanismo inicial, procurado, frio e cosmopolita. Chorar a morte da mulher amada com soluços especiaes, inauditos, telluricos, significaria que applicavamos a uma occorrença universal o mais velado dos conceitos de americanismo: teriamos o americanismo intrinseco, carnal, expontaneo e homogeneo. Parece que misturar o americanismo de fundo e o de superficie é cumprir o programma satisfactoriamente.

Ninguem melhor que Santos Chocano effectivou esta somma.

Seus predecessores não se extinguiram na mediocridade, ao passar o tempo. Ha varios delles altissimos, que ainda hoje, afastados da inquietude moderna, conseguem agradar.

Rutila a gloria de Olmedo, o poeta da gesta boliviana e da independencia, que, classico pela educação, foi, conforme Cesare Arroyo, revolucionario por idiosinerasia. O seu coração legou-o ao porvir e á felicidade dos nossos irmãos que advogaram, pacifica ou bellicosamente, a causa do Novo Mundo. *La Victoria de Junín* é um dos rasgos mais francos de poesia admirativa que a penna do homem jámais graphou.

Andrés Bello é o espelho em que se olha a especie de esthetica chamada mundonovismo absoluto. Perdurará, inalterada em sua fama, a *Silva á la agricultura de la zona tórrida*, pausada e sonora téla, onde a natureza americana, a do Equador salientemente, resplandece com luz homerica e encanta com perfume virgiliano.

Em seguida, tumultuoso, irregular, caótico, resôa o nome de Heredia. Este não gastava a tinta branda do varão venezuelano, porque, indomito romantico, descia aos negros precipicios e subia aos pincares, sem demorar nas planicies. Viveu de tormentas. Deliciou-se com a musica selvagem das cachoeiras. Idolatrou a escuridão do passado autóctono. *En una tempestad* rugue, a modo de fera enjaulada. O canto ao *Niágara* dir-se-ia or-

chestra, regida por Eólo. *En el Teocalli de Cholula* alcançou a sympathia do mestre da critica: Menéndez y Pelayo.

Olegario Andrade apresenta-se desigual, ora sublime, ora detestavel. Extraordinario é o seu elogio da *Atlántida*, bloco formidavel e aspero de inspiração. *El nido de cóndores* não lhe fica atraz, tal o seu impeto e a lealdade dos pensamentos.

E a lista não se fecharia, si a estendessemos atravez das produções de Zorrilla de San Martin, Diaz Mirón, *Almafuerte*, Victor Domingo Silva, emfim, dos que descendem, mentalmente, de Caviedes, o satyrico crioulo que inaugurou a poesia americanista integral, no Perú do seculo XVII.

Pois bem. Não ha quem encarne, com mais direito, essa poesia americanista integral, que Santos Chocano, compatriota do mesmo Caviedes. Nada de estranho que elle diga:

*Pienso en España siempre que el canto rompe el vuelo  
como espiral sonora que envuelve todo el cielo:  
el cóndor es mi padre, pero el león mi abuelo.*

*Tal es cómo, por entre mis bárbaras canciones,  
pasan veinte naciones con veinte pabellones,  
se imponen cien tiranos y hay cien revoluciones.*

*Y es tal cómo, cuando mi corazón elevó  
al sol, padre del inca, sobre mi canto llevo  
todo el vigor antiguo dentro del arte nuevo.*

*Voy con mi lira como con su hacha iba el augur,  
porque sé que mis campos esperan la segur...  
Walt Whitman tiene el norte; pero yo tengo el sur.*

Haça boa fé e não será razoavel obscurecer esta franqueza. Aliás, os criticos, unanimemente, a confirmam e a douoram de brilhos intensos. Desde que se considere que Santos Chocano



tanto dedicou o seu êstro ás graças femininas, ás suavidades dos logares amenos, ás subtis harmonias subjectivas, como aos tropeis de conquistadores, aos combates com as bestas da selva, aos choques de ideaes e ambições, os conceitos de Andrés Gonzalez Blanco elucidam a questão:

“Para ser poeta de América, hay que sentir con intensidad la mezcla y la dualidad de su constitución social y política. Chocano lo es porque evoca a la vez con saudade las lejanas aristocracias de los tiempos remotos y comprende las exigencias de nuestra época”.

O erro de certos individuos é engasgar-se com a vida política e social dos povos, enquanto corrompam em volta de dengüices amorosas e marmoreos objectivismos, extrahidos da natureza. Esquecer que, ao lado da floresta, a cidade tentacular ondula e berra, não vale a pena acentuar que é grosso destempero. Buenos Aires rivaliza com o pampa. Brota do borbórinho das praças, das chaminés das fabricas, dos automoveis, das locomotivas, dos bondes, uma canção de estrepito que corre paralelamente á paz dos desertos, ao sedoso arrulho das juritis, á monotonia da existencia campestre. O homem de concepeção genial abrange tudo e tanto exercita o lyrismo á Becquer, como a épica á Zorrilla, ou a trompa social e politica á Dante, á Victor Hugo, á Guerra Junqueiro. E é o que Santos Chocano não ignora.

Aliás, José Mármol o precedeu, neste rumo. Pelejando contra uma tyrannia sórdida, que sugava a seiva da Republica Argentina, o autor da invectiva *A Rosas* sobrepujou-se e, secundario poeta que era, explodiu, renascido em apóstolo superior. Seus versos que não metralham o caudilhismo daquelle dêsputa jámais permanecerão; ao contrario, os que atacam a crapulice do soba gauchêsco electrizam-nos e nos sôam aos ouvidos com vibração immortal.

Não é sufficiente? E' possivel, em frente de especimens desta ordem, suppor que a emoção se restringe a uma categoria

de inspiração? O politico e o social não offerecem elementos de esthética?

Evidencia-se que Santos Chocano não é qualquer parlapatão boçal, desses que baralham justiça, dignidade, inveja e fingimento, ao apostrophar a canalha que envilece a humanidade e deturpa o sonho dos bons. Elle sopra o clarim politico e social, porém de altiva e gigantesca sorte:

*Madre haraposa: tú que a las puertas  
vas con las manos siempre tendidas  
y ves las arcas siempre desiertas  
y las conciencias siempre dormidas;*

*¡tú que a la alforja de tu miseria  
vas recogiendo los desperdicios  
que en el naufragio de cada feria,  
sobre las playas, echan los vicios;*

*tú eres la hija del que en la guerra  
se armó soldado, vióró su acero,  
rodó en las luchas, se hundió en la tierra...  
y hoy nadie sabe si fué guerrero.*

*Tú eres la hermana del que en los dientes  
del engranaje cogiera un día:  
las ruedas fueron indiferentes;  
pero los hombres más todavía.*

*Tú eres la viuda del que, al castigo  
del sol, muriera sobre el arado:  
hoy todos comen pan de tu trigo;  
tú no lo comes... y él lo ha sembrado!*

*Tú eres la hija, tú eres la hermana,  
tú eres la viuda siempre en trabajo,*



*tú eres la madre que hará mañana  
una bandera de cada andrajo.*

*En las entrañas, como un consuelo,  
guardas un hijo del muerto esposo.  
Nube de harapos: piensa en el cielo;  
peró en el cielo más tempestuoso.*

*No será tu hijo tierno querube,  
copa de mieles, ni flor de mayo...  
Madre haraposa: tú eres la nube  
y en las entrañas tienes el rayo!*

A ameaça escrevel-a-ia Gorki em prosa navalhante, Lenine em oração dura e nitida, Kropotkine em prophesia dolorosa. Do turbilhão em que nos agitamos ha de gerar-se a reacção dos explorados. O apêgo á commodidade defendem-no os burguezes, de armas na mão, visto que para elles a felicidade repousa no seu monopolio dos privilegios, dos gosos e das riquezas, depende da manutenção das suas regalias perniciosas, dimana do avanço no que não pode ser de ninguem — o sólo.

Não ha contestar que a guerra se travou entre os opprimidos, os expoliados, os embrutecidos e os gordos proprietarios, os tratantes, os paes dos interesses creados. Já agora é tarde para suffocar a batalha, que avultará, á proporção que os polittiqueiros sem escrúpulos, chupadores de impostos, aggridam o artigo 18 da Constituição Bolchevista, que reza:

“A Republica socialista, federativa, russa dos sovietes decreta o trabalho obrigatorio para todos os cidadãos e proclama a divisa: *quem não labuta não come*”.

Facil tarefa é extrair da producção de Santos Chocano o que ha de social e politico. A sua estrêa é dessa massa e dessa chamma. Todo o seu desenvolvimento distribuiu-se aos flancos da tendencia pamphletaria do seu caracter. O moço que, no cár-

cere, insultava o seu perseguidor e lhe prometia uma prisão cujas grades seriam as cordas da sua lyra, educa-se, aperfeiçoa-se, peneira-se, não arripiando carreira, entretanto, para contradizer-se e chorar arrependimentos.

Um das linhas proeminentes da nossa literatura é o apêgo aos encantos da natureza. Não ha quem não veja que Santos Chocano culminou tambem neste terreno, subindo mais que os seus companheiros do parnaso continental. Os lagos, os montes, os rios, os campos, os vulcões, os precipícios, as cascatas, as arvoredos, os animaes, que falta na sua obra portentosa?

Urge que se medite sobre isto: si o cascalho, o vegetal rasteiro, o tronco da mangueira, o barro, o pantano, a cobra, o sapo, as estrellas e os planetas se cantam, justo é que se cantem os reconditos pensamentos do homem, a sua intelligencia, os seus sonhos, as suas sociedades, as suas organizações gregarias, os seus codigos, etc.

Ora, Santos Chocano, fóra do que assegurou a seu respeito Francisco Garcia Calderón, bebeu em todas as fontes e não olvidou o povoador da América, nos hymnos que entoou para glorificar-lhe os scenarios.

Pizarro, Cortés, Alvarado, Valdivia, Nuñez de Balboa, os soldados, as damas e os vice-reis são espanhoes, descobridores e conquistadores das terras do Novo Mundo. Caupolicán, Guacáthemoc, Lautaro, Cahuide, as *ñustas*, as imperatrizes, os incas, as *coyas*, os guerreiros, são americanos que, por algum meio, resistiram ás correrias dos peninsulares. Deu-se o cruzamento e os *bogas*, os gauchos, os charros, os *Hanceros*, os trovadores populares, os desbravadores do matto são crioulos que representam a raça de hoje. Não os largou na treva Santos Chocano, que, com fulgor de raio, os banhou de eternidade e arte sadia.

O indecente, porém, é falsificar a essencia da poesia do innumeravel aêdo peruano e não declarar que os bichos e os homens, individual ou collectivamente exaltados, passeiam sempre



nos seus quadros como fragmentos da propria paisagem. Chega, para documental-o, este soneto:

*Silencio y soledad... Nada se mueve...  
Apenas, á lo lejos, en hilera,  
las vicuñas con rápida carrera  
pasan, á modo de una sombra leve.*

*Quien á medir esa extensión se atreve?  
Sólo la desplegada cordillera,  
que se encorva después, á la manera  
de un colosal paréntesis de nieve.*

*Vano será que busque la mirada  
alegría de vividos colores,  
en la tristeza de la puna helada:*

*sin mariposas, pájaros, ni flores,  
es una inmensidad deshabitada,  
como si fuese un alma sin amores...*

Em compensação, Santos Chocano transfere sóro dynamico ás pedras, ás folhas, aos fructos, a tudo que é inanimado. A sua natureza é viva, move-se, rebelu-se, soffre e pensa. Cada arbusto declama e estira os musculos, em som de protesto. Ventura Garcia Calderón, fino chronista, opina:

“En el frenesi de esa naturaleza, vista y soñada, se transparenta el alma de quien la mira.”

Nota-se-lhe, então, similhaça com Salvador Rueda, que, embora envolvido por outro clima, mas aquecido pelo sangue arabe das suas veias, contem em si o tumulto de milhares de gerações e a imaginação dos que desorbitam no infinito da fantasia. O excesso de vitalidade, que palpita no organismo dos temperamentos sem regra, fatalmente se transmite aos corpos brutos, de modo que logo os apreciamos dotados de alma. Eis o que se de-

preende da maioria dos poemas de Santos Chocano. Sirva-nos este exemplo:

*Copia el lago en sus vidrios palpitantes  
cuanto se asoma en su contorno vago,  
como si fuera el voluptuoso halago  
de una coqueteria de gigantes.*

*Llega un rio cual sarta de diamantes;  
y, por virtud de milagroso mago,  
en el fondo del bosque deja un lago  
como un collar de chispas relumbrantes.*

*Al ver el lago, entonces, se dijera  
que la larga serpiente que antes era  
se ha ensortijado entre la selva hosca;*

*porque así son, en la montaña andina,  
el rio una serpiente que camina  
y el lago una serpiente que se enrosca...*

Não satisfeito com emprestar á natureza a mobilidade dos animaes e seus instinctos, Santos Chocano, cuja infancia deslisou próxima a esses monstros do ambiente continental, concebe plantas que raciocinam e philosopham. Elle adivinha na mattaria um concilio curioso: o cravo de defunto é Augusto Comte, a hortensia é Spencer, a dhalia é Bergson.....

Estas equivalencias não figuram nos seus rythmos, já que outras lhes tapam as vagas, sem discrepancia. A furibunda tromba de agna do Niagara retumba-lhe nestes decassyllabos de aço:

*Se revuelve el caudal sobre si mismo;  
y finge, ante tu atónita mirada,  
la flotante melena enmarañada  
de un león enjaulado en el abismo.*



No mesmo tom de altisonancia, propriedade e titanismo, repisando a nota vultosa, eloquente e selvagem, ordena idéas pro-teicas e exclama:

*Cada volcán levanta su figura,  
cual si de pronto, ante la faz del cielo,  
suspendiesen el ángulo de un velo  
dos dedos invisibles de la altura.*

Não cessa. A divisar mãos crispadas na noite, choro de crianças no marulho do mar, catilinarias de tribunos no vendaval que se estorce, anima a inercia e injecta sangue em tudo. Formula imagem desta força sobre os pyrilampos:

*En desatados círculos errantes,  
brotan cocuyos en la selva umbria,  
cual si alguien, con la fiebre de la orgia,  
arrojara puñados de diamantes.*

A aboboda celeste tem attrahido os olhos de sabios e barbaros. Uns até se converteram em seus cantores exclusivos, ou apreciando-lhe os astros, ou povoando-a de deuses. Santos Chocano fala do cruzeiro do sul:

*Cuando las carabelas voladoras  
al fin trazaron sobre el mar sus huellas,  
fueron rasgando por delante dellas  
la inmensidad con sus tremantes proras.*

*Entonces Dios, en las nocturnas horas,  
tras el misterio de las tardes bellas,  
una cruz dibujó con cuatro estrellas  
en el lienzo en que pinta sus auroras.*

Quedó la cruz como argentado broche  
que en la punta de un veio resplandece,  
dejando ver radiantes simbolismos;

y hoy, sobre el terciopelo de la noche,  
en la profunda obscuridad, parece  
la condecoración de los abismos...

Pena é que se não dividam as poesias de Santos Chocano em grupos: descriptivas, politicas, sociaes, históricas, melancolicas e sentimentaes. Esclareçamos. Descriptivas: as que, como *En una casa colonial*, *Ante una vasija incaica*, *La Tierra del Fuego*, *El maíz*, *Alameda colonial*, *Oda salvaje*, *Las orquideas*, *Ciudad vieja*, *La magnolia*, *Los Andes*, *La quena*, *El istmo de Panamá*, *Las bocas del Orinoco*, equivalen a pinturas de Goya, de Velázquez e de Murillo. Politicas: as que, como a maior porção das *Irás santas*, apedrejam um caudilho. Sociaes: as que, como o *Canto a Zola*, *El sermón de la montaña*, *Flor de Hispania*, *A los que sufren*, *Oda Olímpica*, *El canto del siglo*, prestam homenagem aos ideaes das classes misérrimas, dos artistas e dos sabios. Historicas: as que, como *La Epopeya del Morro*, *Los caballos de los conquistadores*, *Las minas de Potosí*, *Triptico heroico*, *El palacio de los virreyes*, *Nuñez de Balboa*, *Ciudad fundada*, *La cabeza de Gonzalo*, *La frase de Cortés*, *La muerte de Pizarro*, narram fastos do preterito e scenas lendarias que o tempo fixou em ouro. Melancolicas: as que, *La quina y la coca*, *La lucha inutil*, *Nocturno de la copla callejera*, *El árbol bueno*, *Huacca-china*, *Elegia tropical*, *La canción del camino*, *Noche de mar*, entristecem e denotam cansaço pyramidal do bardo, o tédio do crepusculo, a resignação evangelica do reformador encanecido. Sentimentaes: as que, como *De viaje*, *Ante una estatua del Amor*, *Punto final*, *Angelus*, *Asunto Wateau*, *Pagana*, *El chontal rendido*, *Cinegética*, *A una dama española*, *Egloga tropical*, *La tristeza del inca*, contam personallissimas galantarias do poeta ardoroso. O que não amoldar-se a



esse esboço de classificação, que se colloque sob a rubrica de apêndice e conste de ensaios mixtos, hybridismos lyricos-épicos, difficeis de se identificarem.

A Santos Chocano os analyistas exigentes negam melancolia e sentimentalismo. Nada mais bobo. Atordoados com as phalanges de estrophes que reboam, não ouvem a flauta que soluça e o bandolim que freme nos rythmos sentimentaes e melancolicos da musa desse oceanico aêdo.

Haverá, acaso, pagina que nos obrigue ao mutismo, tanto quanto seu irónico, ondulante, amargo, saudoso, terno, actualissimo poemeto baptisado de *El nocturno del recencuentro*?

*No sé por qué esta noche tiembla en mi fantasia  
la luz de una linterna, que va haciendo a porfia  
correr por la pantalla de la memoria mia  
las figuras de cuantos he encontrado en el día...  
Las figuras de cuantos, tras de mi larga ausencia,  
he encontrado en las calles de mi ciudad de nuevo,  
parece que me ajustan, com su sola presencia,  
la cuenta acusadora de los años que llevo.  
Figuras que a mis ojos eran ya familiares,  
al volver a ser vistas me llenan de emoción:  
entrando en el ambiente de mis nativos lares,  
sospecho yo que al cabo me entro en mi corazón...*

*Qué emoción tan extraña me infunden las figuras  
conocidas, cruzando por las calles bullentes  
de mi ciudad! Me evocan lejanas aventuras...  
Me hacen pensar en otros tiempos y en otras gentes...  
Sus pasos que resuenan en las baldosas duras,  
despiertan ecos que hablan de fantasmas dolientes...  
Muertos son que han dejado tal vez sus sepulturas?...  
El misterio sagrado no ha nimbado sus frentes?...*

*Es un trajín de amigos que han muerto poco a poco  
y cuyas sombras corren tras de su juventud,  
como si cada uno fuese apenas un loco  
que lleva al hombro el peso de su propio ataúd...*

*Quién es este que pasa? Me parece un amigo...  
Yo le saludo; pero su nombre no le digo...  
Y este amigo se siente dueño de mi memoria;  
y se aleja creyendo que le reconoci.  
Melancólicamente, pienso en cuán ilusoria  
es la propia conciencia que se tiene de sí...*

*De pronto, a mí se viene todo él en un abrazo  
otro amigo, que me habla con tono familiar.  
Me recita un poema que escribí y hoy rechazo,  
pero que es de los tiempos que nunca han de tornar...  
Tal abrazo me viene de no sé qué distancia...  
Tal poema está lleno de no sé qué fragancia...  
Oh mi desconocido compañero de infancia!  
Juntos hemos corrido por el valle florido,  
por las playas sonoras, — oh los campos! oh el mar! —*

*Y hoy eres a mis ojos sólo un desconocido;  
me dices unos versos de la infancia al oído  
y me hablas de unas cosas amables que no olvido  
porque son las cenizas de mi paterno hogar...  
Eres como un fantasma, como un aparecido,  
que viene desde el fondo de los tiempos que han sido  
a apretarme en sus brazos hasta hacerme gritar...*

*Hay ojos que me miran con profunda fijeza,  
labios que me sonrien con mimosa intención;  
y yo, mientras descubro e inclino la cabeza,  
por las calles voy lleno de la rara tristeza*



de sentirme entre amigos sin saber quiénes son...  
Quién es aquel anciano, que me hace con la mano  
adiós desde un carruaje? Buen amigo de ayer,  
que harto mal se conoce sin duda, ya que en vano  
piensa que yo igualmente lo pueda conocer...

Y este que reconozco fraterno camarada,  
que hoy tiene el pelo cano, la faz desencajada,  
cortante la sonrisa, vidriosa la mirada,  
dijérase que apura con sed nunca saciada  
la juventud de alquimia de un mágico elixir.  
Tal la vejez paréceme en él algo postizo:  
aspecto de cansancio que le presta el hechizo  
de quien logra pasarse veinte años sin dormir...

Aquel se me figura que encaneció en un día:  
ése, que está leyendo los libros todavía  
que, en inútil estudio, cuando me fui leí;  
éste, que se ha cansado de esperar un amor...  
Y un desfile de damas de rostros macilentos,  
me hace pensar en mano que echa a los cuatro vientos  
los pétalos del leve cadáver de una flor...

Al ver cruzar su sombra, piedad tengo a la amada,  
que a pesar de los años se me figura igual:  
tiene antifaz de arrugas y peluca empolvada;  
pero con cierta pompa de baile en carnaval...

El cambio de los otros pensar me hace en el mío...  
Me siento hoy como nunca fuera del bien y el mal;  
porque me vienen ganas de reír y me río  
desde los bastidores de esta vida teatral...

Así es cómo, a la vista de rostros familiares,  
cuyo aspecto hoy me llena de una extraña emoción

*entrando en el ambiente de mis nativos lares,  
sospecho yo que al cabo me entro en mi corazón...*

*Y cual me fui caniendo por tierras y por mares,  
en mi corazón me entro cantando mi canción!...*

O commentario seria superfluo, caso não se obstinassem os adversarios de Santos Chocano em chamar-lhe soldado da poesia, querendo, por esse apodo, dizer que a sua arte é irmã da que se applica nas charangas militares. Naturalismo da ultima tornada é o que, entretanto, o outomno do bardo do Perú adopta. A sua calumniada eloquencia apagou-se. Substituiu-a a familiaridade da expressão e a mais desenganada das philosophias. O incendio é cinza. Uma lufada de ar frio, vinda dos cemiterios, assovia o ritornello do corvo de Põe, e, com o rumor das azas da coruja, sussurra o monólogo de Hamleto. A velhice ponderada acalma o temporal, mas, implacavel, repete o aphorismo de Salomão: tudo é vaidade... vaidade... vaidade...

Não é novidade essa balela de rijeza estatuarica dos artistas hispano-americanos. Articularam-na criticos que se deslumbraram com a opulencia do idioma castelhano, que Faustino Laso singularizou pela "franqueza, naturalidad, deseo de no ocultar nada de lo que se siente".

Com Juan de Valdés concordamos que "la gentileza de la lengua castellana entre las otras cosas consiste en que los vocablos sean llenos e enteros".

Daqui, porém, ao granito da insensibilidade, eremos que ha um infinito. Afinal, a melancolia e o sentimentalismo não se confundem com a obscuridade. Garcilaso de la Vega é mais subtil, mais psychologico, mais interior, que os próceres do gongorismo.

Si da Espanha viajamos para a America, a tal these rue fragorosamente. Quem o contraria? Quem poderá duvidar que o espanhol se avelludou nas terras americanas? Quem poderá duvidar que o idioma de Herrera e Jorge Manrique, sem perder



a sua energia e sem degenerar na lamuria gallega, sorveu dos horizontes destas plagas a tepidez e a nevoa?

Escõremo-nos nestas considerações de Blanco Fombona:

“Hoy, a pesar de la lengua, el espíritu del hispano-americano — en parte ya distinto, por mil y una razones, del espíritu español de España se percibe en las creaciones literarias. En España, puede decirse, no existen elegistas; en América los hay tan notables como Zenea, Pérez Bonalde y, sobre todos, Gutiérrez Nájera.”

Nada de chicana. Usemos de franqueza. Em Santos Chocano a imagem é o manto auribordado que cae dos hombros das idéas, quasi occultando-as. E' verdade que a linha, a coloração e o exterior da suas rimas encerram pensamentos pouco densos. Ao esboço de uma idéa corresponde em seus versos o desencaixar das metaphoras.

Mas Santos Chocano não nos entrega o coração? Elle é gêlo, bronze, palco apenas? Quando a sua obra for editada integralmente e seccionada em capitulos apropriados, veremos que a amavel melancolia e o sentimentalismo tambem a esmaltam.

Tanto se repisou essa asnice de que a Santos Chocano escapam sentimentalismos e melancolias que é innocultavel a necessidade de popularizar-lhe, ao lado do objectivo, o cabedal de éstro subjectivo das suas estrophes. Nos seus livros, depois de um hymno ás pompas da natureza americana, precisa vir algo como estes quartetos de *El lobo enamorado*:

*Tén piedad de tu lobo, Caperucia Roja!  
Tanto corri en la tierra, tanto nadé en el mar,  
que he perdido los dientes y mi garra está floja:  
me faltan fuerzas para llegarte a devorar!...*

*Pienso — ay! — que ya muy tarde te encontré en mi camino:  
si fuera en otros tiempos, qué suntuoso festín*

*diérame en el encanto de tu cuerpo divino,  
con sabor a canela, con olor a jazmín!...*

*Cuéntale a la Abuecita todo el mal que me han hecho;  
pídele que me tome bajo su protección;  
y que sólo me deje reposar en su lecho  
para en él apretarte contra mi corazón.*

*Caperucita Roja: yo sé que tú eres buena;  
tú eres buena conmigo como nadie lo fue...  
La herida de mi flanco no te da acaso pena?  
Por qué no arrancas, dime, la espina de mi pie?*

*Estoy enamorado de ti, Caperucita...  
Enamorado un lobo? Si: un lobo. Y por qué no?  
Tu espejo le habrá dicho cómo eres de bonita;  
que cómo eres de buena ya te lo he dicho yo.*

*Si yo fuese Poeta— tal me siento a tu lado! —  
escribiría un cuento de profunda intención,  
para narrar mis cuitas de lobo enamorado  
que se arroja a tus plantas aullando una canción...*

*Se acabó, pues, tu cuento, Caperucita Roja!...  
Este lobo es un lobo que llega a tu país  
en són de paz, y trémulo a tus plantas se arroja...  
Este es el lobo hermano de Francisco de Asis.*

*Caperucita Roja, ten piedad de tu lobo!  
Cúbreme de caricias y acógeme en tu hogar:  
ya ves que no te mato, ni siquiera te robo...  
pero bien que quisiera llegarte a devorar!...*

Observado em conjuncto, Santos Chocano nos apresenta uma dessas physionomias complexas, cuja mobilidade é maior



que a das ondas e cuja coloração supplanta a das nossas selvas em primavera. Nelle, não achamos claros e vãos. Cipós retorcidos, troncos seculares, flores de matizes multiplos, tudo se mistura ao trinado dos canarios, ao piado de aves funebres, ao estalido secco das arapongas. Onde abundam essas combinações de côres e sons, não é concebível que fujam os beijos apaixonados e os arrufos dos amantes. Portanto, será explicavel que o poeta peruano cante só o que é possante e descommunál?

A influencia de Santos Chocano agiganta-se, não só na America, mas na propria Espanha. Não ha torcer axiomas como este, que os factos arredondam e elucidam. O que se observa, todavia, é que o seu influxo, na arte americana e na arte espanhola, é mais de espirito que de forma. Enquanto outros se adoptaram como padrões de linguagem, de metrificacão, de vestimenta, elle, com o optimismo que o nobilita, serve de machado que abre, pela selva a dentro, rotas infinitas, ou serve de pharol no meio das borrascas do pensamento.

Este papel tende a valorizar-se, a estender-se, a ampliar-se, á proporção que o Novo Mundo progresse e se oriente para um fim.

E então, a voz do nosso continente será a de toda a Terra: seu interprete será, impreterivelmente, esse imparisavel Santos Chocano.